

EMOÇÕES NA LEITURA E NA ESCRITA: A SUBJETIVIDADE DOS JOVENS EM SUAS PRÁTICAS COM OS TEXTOS

EMOTIONS IN READING AND WRITING: THE SUBJECTIVITY OF YOUNG PEOPLE IN THEIR PRACTICES WITH TEXTS

Rafael Borges Ribeiro dos Santos
Giovanna Linhares
João Pedro Melo
Sarah Estevam
UFRN

Resumo: Nossos dados de pesquisa vêm sendo desenvolvidos desde 2017, no âmbito de um Grupo de Leitura da Escola Agrícola de Jundiáí, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, junto a jovens entre 14 e 20 anos, estudantes do Ensino Médio integrado ao Ensino Técnico. A primeira parte de nossas análises se deu por meio de dados gerados a partir de um questionário respondido por 15 estudantes participantes desses Encontros. Em um segundo momento realizamos um levantamento dos gêneros textuais e temas mais lidos no âmbito desse Grupo de Leitura. A partir da análise desses dados, nos propomos a identificar as emoções que aparecem naquilo que enunciam sobre as suas práticas com o texto, seja por meio da leitura ou da escrita, principalmente em relação à vergonha e ao orgulho. Posteriormente, analisamos os temas que tendem a ser considerados mais motivadores e instigantes entre eles. Para tanto, nos valem da análise de discurso foucaultiana. Esperamos poder contribuir para um melhor entendimento do perfil do leitor jovem contemporâneo e meios de pensar a sua formação leitora e escritora.

Palavras-chave: Jovem Leitor. Encontros de Leitura. EAJ/UFRN. Jovem Escritor. Emoções.

Abstract: *Our research data has been developed since 2017 in the context of a Reading Group at the Agricultural School of Jundiáí, Federal University of Rio Grande do Norte, with young students between the ages of 14 and 20, enrolled in the Integrated High School and Technical Education program. The first part of our analysis involved data generated from a questionnaire answered by 15 participating students at these meetings. Posteriorly, we conducted a survey of the textual genres and themes most read within this Reading Group. Based on the analysis of this data, we aimed to identify the emotions that appear in what they enunciate about their practices with the text, whether through reading or writing, especially in relation to shame and pride. Later, we analyzed the themes that tend to be considered more motivating and stimulating among them. For this, we utilized Foucauldian discourse analysis. We hope to contribute to a better understanding of the profile of the contemporary young reader and ways of thinking about their reading formation.*

Keywords: *Young Reader. Reading Meetings. EAJ/UFRN. Young Writer. Emotions.*

Introdução

Drummond em *Verbo ser* (2017, p. 271) ressignifica a pergunta “O que vai ser quando crescer?”. Essa indagação aparentemente pouco pretensiosa, pela qual a maioria de nós já foi interpelada em algum momento de nossa vida, seja na infância ou na adolescência, atualiza uma concepção social do “Ser” fundamentada em padrões de sucesso bastante específicos da vida adulta. Na sua eminência, essa pergunta tende a desconsiderar tudo aquilo que o jovem já é. O eu lírico, aparentemente um sujeito que por vezes se viu diante desse questionamento, indaga “[...] É terrível, ser? Dói? É bom? É triste?”, um verso que atualiza e enuncia uma intensidade de emoções de um jovem que já é.

Vemos a arte (re)produzindo a realidade, uma vez que os jovens, principalmente durante a adolescência, tendem a viver suas experiências de forma muito intensa, justamente pela novidade da primeira vez, das descobertas de si, do outro e de suas próprias emoções. Nesse processo, a leitura e a escrita, não raras vezes, costumam ser grandes aliadas, como meio de entendimento do mundo e de si, também como fonte de evasão do que se sente, do que se é e do que se deseja ser. Tudo isso faz da leitura e da escrita práticas de emoções. São essas emoções, bem como os temas que as motivam entre os jovens, que buscamos mapear e analisar neste artigo.

Os dados e resultados que aqui apresentamos vêm sendo desenvolvidos já há alguns anos, em que temos observado as práticas de leitura e de escrita entre os jovens, no âmbito de um Grupo de Leitura formado por estudantes da Escola Agrícola de Jundiáí, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, os quais, em sua maioria, possuem entre 14 e 20 anos.

A proposta desse Grupo de Leitura partiu dos próprios alunos, por estudarem em tempo integral (Ensino Técnico nas modalidades de Informática, Aquicultura, Agropecuária e Agroindústria integrados ao Ensino Médio), alegavam não ter condições de tempo para a realização de atividades culturais como leitura, cinema, etc. Frente a essa demanda, no segundo semestre de 2017, iniciamos os Encontros de Leitura, que ainda hoje ocorrem no horário de almoço, uma vez por semana, das 12h às 13h10, considerando o período de maior disponibilidade de todos nós.

Inicialmente, em consenso, estabelecemos a dinâmica de que semanalmente os participantes do grupo compartilhariam alguma leitura que haviam realizado e gostado, para serem lidas e debatidas em uma roda de leitura, desde textos integrais a trechos de obras completas, independentemente do gênero.

Com o tempo, os Encontros de Leitura, acompanhados da realização de eventos e até mesmo da publicação de um livro literário, possibilitaram o desenvolvimento de um espaço de descontração, mas também intimista, de confiança e de cumplicidade entre seus participantes. Tudo isso proporcionou a construção de uma identidade coletiva ao grupo, na medida em que desenvolvíamos um espaço confortável e saudável para a realização das práticas de leitura. Essa dinâmica motivou que muitos se sentissem seguros em compartilhar textos autorais, ou seja, produzidos por eles mesmos, algumas vezes assinados e outras de forma anônima, com pseudônimos.

Com essa dinâmica, ao longo dos anos do projeto (inclusive durante a pandemia, de forma

remota), foram gerados muitos dados¹, os quais propomos analisar alguns deles aqui. Optamos por um recorte temático que nos possibilita depreendermos mais diretamente as emoções na leitura e na escrita compartilhadas por esses jovens estudantes, bem como apresentar um levantamento dos temas mais recorrentes nos Encontros de Leitura e que tendem a estimular esse público em suas práticas com o texto.

Em nossas análises, partimos de uma metodologia qualitativa, com o objetivo de empreender um levantamento sobre o dizem esses jovens acerca da participação que realizam nos Encontros de Leitura? Quais as razões de compartilharem ou não os seus textos autorais, ora assinados e se identificando enquanto autor, ora utilizando pseudônimos com a finalidade de manter o anonimato da autoria? Quais são os temas e gêneros textuais mais lidos nesse espaço? A partir desse mapeamento, propomos-nos a identificar as emoções que aparecem e o modo como se dão naquilo que enunciam sobre suas práticas com o texto, seja lendo textos diversos, escrevendo ou compartilhando e lendo coletivamente aquilo que escrevem, isso a partir de uma análise discursiva.

Em nossas pesquisas, teoricamente, temos nos fundamentado em diversos autores brasileiros e internacionais que tratam sobre a leitura e a formação do jovem leitor, como Ceccantini (2020, 2016 e 2009), Curcino (2020), Petit (2008), Soares (2001), XXX (2021), entre outros. Além disso, nos valem também da análise de discurso de linha francesa, com recorrência aos textos de Michel Foucault (2015, 2014 e 2001), em que refletimos sobre a relação que estabelecem os jovens em suas práticas com o texto e o seu compartilhamento em um Grupo de Leitura, motivando suas emoções, principalmente os sentimentos de vergonha e de orgulho. Buscamos observar aquilo que enunciam e o modo como o fazem, a partir de determinados enunciados, que se filiam a certos discursos e não a outros.

Inicialmente, apresentamos e analisamos alguns enunciados dos estudantes sobre as razões, segundo afirmam, de participarem dos Encontros de Leitura, com o objetivo de entender o que os motiva nessa prática, a abrirem mão de parte do horário de almoço para empreenderem leituras coletivas. Em seguida, tratamos sobre o (não) compartilhamento dos textos que escrevem e leem no cotidiano. Essas informações nos ajudam a melhor descrever e a evidenciar um certo perfil leitor entre eles e dos sentimentos em leitura. Na sequência, realizamos um levantamento e análise sobre os temas que são mais compartilhados nos Encontros de Leitura, em que medida dialogam e constituem o perfil do jovem leitor. Por fim, a partir de uma reflexão mais global dos dados, apresentamos a conclusão e as referências de nossas análises.

Esperamos com este trabalho trazer contribuições para um melhor entendimento do perfil do jovem leitor contemporâneo, o que é essencial no estabelecimento de hipóteses e possibilidades na formação crítica desse público leitor.

1. Os dados que apresentamos aqui foram desenvolvidos no âmbito da pesquisa submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos da Universidade Federal de São Carlos, sob o número de Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) 92752218.7.0000.5504 e do parecer 2.804.953. Vale ressaltar que os dados aqui apresentados são inéditos.

O que motiva os jovens a participarem dos Encontros de Leitura?

Amei a ideia de um grupo de leitura aqui na escola a partir do momento que me intei. Até então, parecia coisa de outro universo. Encontro de leitura numa escola brasileira em Macaíba? Gostei muito da ideia, mesmo. E o que mais me motivou a participar foi a curiosidade em saber como funcionava e a vontade de conhecer mais textos e autores, além de poder mostrar os meus textos também. É uma oportunidade e tanto!”. Q01²

A Escola Agrícola de Jundiá, localizada em Macaíba, região metropolitana de Natal (RN), está aproximadamente a 23 km da capital e atrai alunos de diversos lugares do Estado, principalmente pelo reconhecimento da qualidade do ensino público que oferece. Para muitos desses alunos, o acesso à EAJ é uma oportunidade de mudança de vida própria e dos seus, ao mesmo tempo em que a rotina escolar tende a ser significativamente árdua, seja pela intensa carga de estudos, ou pela quantidade de disciplinas (alguns cursos chegam a ter mais de 20 disciplinas anuais). Outro fator que intensifica a rotina de muitos estudantes é a distância e o deslocamento de casa até a instituição, que pode levar mais de duas horas de transporte público, considerando alguns relatos que fazem; há casos em que acordam às 4h da manhã e chegam em casa às 8h da noite.

Frente a esse contexto, buscamos entender as razões pelas quais o projeto “Encontros de Leitura” teve uma adesão tão significativa entre esses jovens, chegando, em alguns Encontros, a alcançar mais de 35 participantes, entre membros mais frequentes e outros rotativos. Quais as motivações desses jovens em participarem de um projeto de pesquisa e extensão em leitura, mesmo frente a algumas situações desfavoráveis, como terem que utilizar parte do horário de almoço para isso ou mesmo frente às demandas que a instituição lhes exige, que não são poucas, como provas, trabalhos, etc.

Com o intuito de entender melhor a relação que esses estudantes estabelecem com os Encontros de Leitura, bem como aquilo que enunciam sobre suas práticas com o texto, desenvolvemos, no final de 2018, um questionário via google, composto por 8 perguntas, em sua maioria discursivas, algumas com subitem, o qual foi respondido por 15 desses jovens. Pudemos empreender dados qualitativos a partir de perguntas mais genéricas e gerais sobre os Encontros. A partir desses dados, buscamos identificar a recorrência de alguns enunciados e a sua filiação a determinados discursos sobre a leitura, a escrita e os sentimentos motivados por essas práticas e o seu compartilhamento no âmbito de um projeto desenvolvido em contexto escolar.

Inicialmente, ao serem questionados sobre “O que lhe motivou e motiva a participar dos Encontros de Leitura?”, duas foram as respostas mais recorrentes entre os 15 participantes do questionário. A primeira delas foi a possibilidade de compartilharem seus escritos, ou seja, ser lido por outros, como afirmam “poder mostrar os meus textos” (Q01), “podia expor meus textos de forma simples e para pessoas nas quais tenho uma certa confiança” (Q05) e “ânsia de compartilhar

2. O questionário foi respondido por 15 participantes dos Encontros de Leitura. Com o intuito de seguir as recomendações éticas em pesquisa, ocultando a identidade dos participantes, atribuímos um número (do 1 ao 15) aleatório para cada questionário (Q).

textos que produzo” (Q08). Esses três enunciados são representativos da recorrência com que aparecem em nosso corpus, ao mesmo tempo em que nos ajuda a entender o funcionamento dos Encontros de Leitura.

Em um primeiro momento, os Encontros de Leitura foram pensados enquanto espaço de compartilhamento de textos lidos por esses jovens, porém, com o tempo, se tornou um lugar utilizado, principalmente, para compartilharem os textos que escrevem e, por vezes, aqueles que leem no cotidiano.

Essa transformação na dinâmica dos Encontros, motivada pelas práticas e interesses desses jovens, nos levou à constatação de que existe entre eles o desejo de serem lidos e debatidos. Enunciam isso com muita empolgação, como pode ser apreendido pela utilização de “ânsia de compartilhar textos” (Q08) ou “parecia coisa de outro mundo” (Q01).

Contudo, não se trata apenas de compartilhar aquilo que escrevem, mas de fazê-lo com e entre aqueles que sentem confiança, como afirma Q05. A confiança nesse contexto é gerada pela convivência ao longo dos Encontros, por meio da construção de um espaço simbólico de acolhimento e empatia, que não tem a ver com o espaço físico em si, uma vez que as leituras ocorrem desde sala de aula a lugares abertos e públicos da instituição, como as quadras e o Bosque, nome da pracinha a qual os alunos usam como espaço de convívio e socialização nos intervalos.

Esse espaço simbólico é saudável e propício a essas práticas de leitura, ao qual se acrescenta a afinidade que sentem uns com os outros, em se reconhecerem enquanto jovens que gostam de ler, escrever e compartilhar aquilo que leem e escrevem, trazendo para debate temas que permeiam a adolescência e o universo escolar do qual compartilham, intensificando o vínculo entre eles. Esse processo leva a que se sintam compreendidos e ouvidos nas vivências e emoções que relatam por meio dos textos que escrevem. Além disso, esse ambiente institucional, monitorado pelos professores, tende a resguardar os alunos escritores, ainda que não totalmente, de críticas mais rudes e desconstrutivas, que poderiam gerar desconforto, vergonha e vir a inibi-los em suas práticas com o texto.

Essa nossa análise ganha maior consistência ao destacarmos o enunciado de Q11 à mesma pergunta sobre as motivações em participar dos Encontros: “as discussões sobre os textos e a intensidade dos mesmos, me motiva mais ainda saber que são escritos por alunos”. A aceitação e a identificação da maioria dos participantes com os textos lidos contribuem para o desenvolvimento da confiança e da autoestima em escrita daqueles que compartilham seus textos, tornando-os mais desinibidos.

Outra resposta bastante recorrente entre esses jovens foi o prazer que essas leituras e debates lhes proporcionam ao se identificarem e se sentirem compreendidos nos seus conflitos e emoções, a partir de interpretações diversas.

Adoro ler os textos expostos, na maioria das vezes, me identifico com os pontos abordados. (Q14)

o que me motivou foi a proposta que o encontro traz de discussões sobre os textos, etc., que dão bastante espaço para que nós possamos nos expressar e ver

como temos várias interpretações diferentes a partir de um mesmo texto. E isso também é o que me motiva a continuar participando. (Q04)

Ao mesmo tempo em que as semelhanças conectam esses jovens, pela leitura dos textos e dos temas que tocam, também se reconhecem e se sentem confiantes ao serem aceitos e ouvidos em suas diferenças, a partir das análises e interpretações que fazem do texto lido, como afirma Q04. Trabalhar com as emoções e com a autoconfiança desses jovens tem se mostrado um processo fundamental no desenvolvimento e na manutenção do projeto ao longo de mais de seis anos desde o seu início.

Frente ao exposto, podemos constatar que o sucesso do projeto tem se dado pela construção simbólica dos Encontros de Leitura enquanto um espaço de acolhimento, de liberdade e de respeito à diversidade, de modo que eles se sentem seguros em expor suas ideias, compartilhar suas experiências, motivando a autoconfiança e entendendo que as críticas são construtivas. Proporcionar esse acolhimento na escrita e na leitura é também papel da escola, parte fundamental na formação de um leitor perene, de um sujeito linguisticamente competente, que sente prazer em se relacionar com o texto, seja em suas práticas de leitura ou de escrita.

Entre a vergonha e o orgulho: as emoções entre os jovens no (não) compartilhamento dos textos que escrevem e leem

A partir do questionário que desenvolvemos, foi possível dividir os participantes em dois grupos: aqueles que compartilham os textos que leem e escrevem (8) e aqueles que afirmaram não compartilhar nenhum texto (7), seja por não escreverem ou, ainda que escrevam, declaram não se sentirem à vontade em compartilhar seus escritos ou qualquer outro texto.

Entre aqueles que compartilham seus textos, mesmo em um ambiente e contexto propícios, nem sempre e nem todos se sentem confortáveis em assinar o próprio nome, muitas vezes usam pseudônimos e enviam os textos de um e-mail coletivo, do qual todos têm a senha. Os motivos que justificam esses posicionamentos, de não compartilhamento de textos, principalmente autorais, ou de compartilhamento de textos autorais com pseudônimos, estão relacionados aos sentimentos que essa prática desperta e produz nesses jovens, como a vergonha e o orgulho. Um exemplo muito ilustrativo é o que enuncia Q04 ao ser interpelado sobre as razões para não enviar textos para os Encontros de Leitura “Não costumo escrever e quando escrevo são coisas muito pessoais, consequentemente tenho vergonha de mostrá-las”.

A afirmação de “são coisas muito pessoais” para serem compartilhadas nos permite perceber que a vergonha não se manifesta pela prática da escrita em si, mas pelo que se escreve, temas, possivelmente, da vida privada, daquilo que sentem, do modo de agir, de pensar e de existir no mundo em relação a assuntos considerados íntimos. Nesse caso, a escrita serve como evasão e meio de entendimento do vivido, forma de externalizar, mas não para ser compartilhada, pelo menos não em um Encontro de Leitura junto a tantos colegas.

Existe um entendimento e uma percepção por parte desses jovens, ainda que implícita,

motivada pelas práticas sociais que vivenciam no contexto escolar, sobre a possibilidade daquilo que dizem e do modo como o fazem poder motivar um julgamento de si pelos seus semelhantes, principalmente em relação aos que acreditam que o texto é algo pessoal e íntimo de si ou até mesmo um reflexo de suas habilidades de escrita. Por isso, possivelmente, optam pela escolha de escrever e guardar para si o escrito e, quem sabe, talvez, compartilhar com um ou outro amigo mais próximo, precavendo-se de um possível sentimento de vergonha.

Gros (2021, p. 167) conceitualiza a vergonha da seguinte maneira “la honte commence avec le sentiment d’être vu, regardé, perçé, figé, objectivé”, ou seja, a vergonha existe a partir do olhar do outro, que valora, avalia e julga por meio de suas referências, daquilo que social e historicamente lhe foi ensinado e aceito como certo e enquanto verdade. O sujeito que olha, ao mesmo tempo que o faz, também é olhado e julgado pelo outro, fazendo desse um processo simultâneo que constitui e é constituído a partir do outro.

O texto, enquanto preservado no âmbito da intimidade e da individualidade, está “seguro” da exposição e dos possíveis julgamentos que podem ser gerados ao seu escritor, resguardando-o do sentimento de vergonha. Em última instância, podemos observar que a vergonha não se dá em relação ao texto em si, mas daquilo que ele revela sobre a vida de quem o escreveu, da individualidade do autor. Segundo Foucault (2001, p. 11), “O nome do autor é um nome próprio [...] Ele é mais do que uma indicação, um gesto, um dedo apontado para alguém; em uma certa medida, é o equivalente a uma descrição”. É justamente essa descrição, colocá-la em debate, à exposição e ao julgamento do olhar do outro o que intimida e inibe esses jovens, levando-os a manterem, por vezes, os textos que escrevem em segredo, como uma confissão de si para si mesmo.

Esse sentimento e prática entre os jovens mostra como fazem daquilo que escrevem uma extensão de si, dos seus valores, das suas vivências, que atua e se relaciona diretamente com a sua autoimagem. Isso também explica aqueles que possuem ânsia em compartilhar seus textos, mas que preferem utilizar pseudônimos, como forma de não identificação de si. O pseudônimo possibilita ao autor presente no Encontro ter acesso aos comentários dos seus textos, sem que tenha a sua identidade revelada, se isentando de um possível julgamento à sua individualidade, logo, se precavendo do sentimento de vergonha que rebaixa, intimida e exclui.

O pseudônimo, do modo como é utilizado nos Encontros de Leitura da EAJ, dá o privilégio da informação, de conhecer o julgamento do outro sem que o autor seja reconhecido, podendo ao final se revelar ou não, após avaliar se os comentários motivaram ou não o orgulho de si e daquilo que escreveu. Muitas vezes isso acontece, do autor, após os comentários ao seu texto, assinado com um pseudônimo, se revelar, declarando suas motivações de escrita e relatando o seu processo criativo, como meio de comprovar a escrita do texto e de se beneficiar da autoimagem positiva que os comentários possam ter motivado e promovido.

Nesse processo, em que ora o autor se esconde, ora se revela, a vergonha pode apresentar-se como um sentimento dúbio. Se a vergonha é capaz de constranger, de motivar e estabelecer uma relação hierárquica e depreciativa com o outro, ela também tem a capacidade de revelar o orgulho que o sujeito sente de si, de se ver elogiado e exaltado em público, manifestando-se pela modéstia,

como podemos observar neste exemplo prático do que enuncia Q01.

No início, eu gostava de assinar meu nome, mas depois passei a ter a impressão de que as pessoas não só julgariam o meu texto pela pessoa que o escreveu como também elas podiam me julgar pelo texto que escrevi. Isso me deixa bastante incomodada. Também tenho a impressão de que as pessoas vão acreditar que estou me “achando” ou algo do tipo e não gosto de me sentir assim.

Esse enunciado expressa a percepção que Q01 tem da relação entre texto e autor, simultaneamente constitutivos; na medida em que o autor atribui um estilo próprio e dá nome ao texto, este descreve o seu escritor, seu modo de pensar, de entender e de organizar as ideias. Esse processo da escrita jovem, ainda que possa vir cheio de receios, inseguranças e de vergonha, também tem a capacidade de motivar o orgulho pelo texto escrito, o prazer em se ver e se reconhecer positivamente no que está posto e dito ali. São esses os sentimentos que motivam a percepção de que “as pessoas vão acreditar que estou me ‘achando’”, justamente por sentir orgulho do próprio texto, prazer em ser lido e debatido pelos demais.

O uso de pseudônimo, nesse caso de Q01, se manifesta como uma tentativa de apagamento e de desvinculação do texto ao seu autor, como meio de buscar uma voz sem nome, com vista a motivar um debate focado no texto, sem as possíveis interferências que o nome do autor, enquanto instância discursiva e simbólica, pode vir a produzir. Existe a consciência dessa relação discursivamente constitutiva entre texto e autor, uma vez que aquele que assina o escrito pode influenciar no modo como o texto é lido, ao mesmo tempo em que o autor também poderá ser julgado, até mesmo na sua individualidade, por aquilo que escreveu, pelo modo como se posicionou, etc.

Essa estratégia, empregada por Q01 no envio de textos autorais para os Encontros de Leitura, nos permite fazer um paralelo com a aula inaugural no Collège de France, pronunciada por Foucault em 1970, quando afirma:

Gostaria de perceber que no momento de falar uma voz sem nome me precedia há muito tempo: bastaria, então, que eu encadeasse, prosseguisse a frase, me alojasse, sem ser percebido, em seus interstícios, como se ela me houvesse dado um sinal, mantendo-se, por um instante, suspensa. Não haveria, portanto, começo; e em vez de ser aquele de quem parte o discurso, eu seria, antes, ao acaso de seu desenrolar, uma estreita lacuna, o ponto de seu desaparecimento possível. (2014, p. 5 e 6)

Essa estratégia, de desvinculação do texto a um nome próprio, segundo Q01, daria maior liberdade de análise e interpretações nos Encontros de Leitura, uma vez que seus leitores não saberiam precisar se o autor estaria ou não presente, se isentando da possibilidade de serem julgados pelo autor ao julgarem o texto lido, pelo menos não de forma direta, pois isso implicaria que o autor se revelasse, transformando a dinâmica do texto, de sua leitura e do debate coletivo.

Toda essa dinâmica dos Encontros de Leitura nos ajuda a entender as motivações dos jovens em compartilharem seus textos, seja de forma anônima ou não, e também daqueles que

vão exclusivamente para ler, debater e/ou ouvir sobre o lido. Esse processo envolve sentimentos de orgulho e de vergonha, na busca de se conhecerem melhor pelas diferenças, mas também pelas semelhanças, por se sentirem acolhidos em um ambiente de conforto, de fala e de escuta, cujas divergências existem de forma produtiva e saudável, para motivar o respeito à singularidade de cada um. Isso faz com que o projeto tenha um caráter de acesso cultural, mas também de formação desses jovens, no âmbito da leitura, da escrita e naquilo que essas práticas implicam de desenvolvimento humano e social, necessário em toda e qualquer instituição escolar.

Quais são os temas mais frequentes nos Encontros de Leitura e que tendem a motivar mais os jovens?

Em média, a cada Encontro de Leitura, há três textos; geralmente são contos, poesias, crônicas, cartas, músicas, relatos, entre outros. Existe uma tendência de textos e gêneros mais curtos, pelo tempo e o próprio formato do projeto, às vezes, uma vez no mês ocorre o clube do livro, em que selecionamos um livro para ser lido dentro de um mês, aproximadamente, e debatido em um dos Encontros.

Com o intuito de mapear melhor esses textos, identificar seus gêneros e temas, como aqueles que os alunos mais leem e escrevem no contexto do projeto, realizamos um levantamento de todos os textos compartilhados ao longo do segundo semestre de 2022. Pudemos constatar que foram, em média, 28 textos, dos quais 22 foram autorais e 6 de autores já consagrados como Lygia Fagundes Telles (conto), Chico Buarque (música) e o mais recorrente entre os autores consagrados, Braulio Bessa, poeta e cordelista cearense contemporâneo.

Os temas desses textos, frequentemente, trazem propostas de reflexões sobre a fugacidade da vida e a perpetuação de rotinas e hábitos mecanizados, que normalmente nos levam à naturalização de relações de poder desigual, no cumprimento de tarefas cuja finalidade é manter um sistema que não beneficia a maioria que o faz funcionar, gerando opressão em meio a uma rotina caótica. A proposta literária que identificamos nesses textos, a partir dos debates em grupo, é a capacidade que possuem em manifestar-se como um momento de pausa e de alento, propiciando reflexões acerca desses temas.

Em alguma medida, são essas reflexões que também motivam a frequência desses jovens no projeto, por se identificarem como parte desse sistema, em uma rotina escolar exaustiva, em que os Encontros de Leitura se constituem enquanto momento de alívio, de descanso e de descontração. Os textos que compartilham e pelos debates que empreendem, podemos afirmar que estão muito relacionados ao modo com percebem a vida, aquilo que lhes tocam e que julgam relevantes de ser conhecido e debatido pelos seus iguais. São problemas sociais coletivos, mas que possuem singularidades para cada indivíduo, por isso se identificam com esses autores e as problemáticas que tratam naquilo que escrevem.

Em relação aos 22 textos autorais, produzidos pelos próprios estudantes, podemos separá-los em algumas subcategorias. Desses, 3 são assinados com pseudônimos, 5 deles não possuem nenhuma

identificação e 14 são assinados com nome próprio. Se compararmos os dados do questionário que realizamos com os participantes dos Encontros de Leitura em 2018, entre os 8 que afirmaram enviar textos, apenas 1 declarou sempre assinar seus textos, 2 disseram que algumas vezes assinavam e outras não e 5 deles afirmaram nunca assinarem os textos que enviavam. Ao longo dos anos de projeto, com a mudança de alunos, que vão se formando e outros que ingressam, podemos perceber uma mudança nesses dados, uma vez que dos 22 textos autorais enviados, 14 deles foram assinados com nome próprio e apenas 8 usaram pseudônimos ou não possuíam identificação.

Essa mudança que constatamos no compartilhamento dos textos entre os jovens, se deve por se sentirem mais seguros e à vontade em se identificarem, ao longo dos anos, em se exporem mais, o que está relacionado à construção simbólica do espaço de leitura enquanto ambiente de acolhimento e entendimento do outro, respeitando aquilo que é coletivo e singular à existência de cada um. Esse processo leva ao desenvolvimento de uma identidade coletiva, que motiva o sentimento de pertencimento e confiança entre os participantes enquanto Grupo de Leitura.

Os textos que compartilham, normalmente são carregados de emoções muito intensas, seja por meio de relatos, cartas, poesias ou mesmo contos sobre suas experiências, com personagens fictícios ou não, expondo suas indagações principalmente sobre a vida, a morte, o amor e a juventude, algumas vezes tratando de episódios muito específicos e íntimos de suas próprias vidas, como relatam durante o debate ao exporem o processo criativo do texto. Esses temas podem ser explicados pela fase da vida em que esses jovens se encontram, muitos vivendo experiências pela primeira vez, marcadas por tribulações, desejos, medos e sonhos.

Vale ressaltar que esses jovens, escritores desse recorte de textos que levantamos no segundo semestre de 2022, viveram a era pandêmica na qual foi necessária a reclusão social; é esperado, mesmo que não explicitamente, que isso reflita na intensidade com que revelam suas emoções nos textos compartilhados e a ânsia por viver intensamente a socialização dessas emoções que os Encontros proporcionam.

Esse espaço de leitura que construímos ao longo dos anos de projeto é intimista, mas ao mesmo tempo compartilhado, aberto ao público enquanto atividade de extensão e espaço de socialização, daquilo que vivem, sentem e expressam por meio do que leem e do que escrevem. Essas práticas e as representações que fazem delas a partir daquilo que enunciam em suas declarações ou mesmo pelos textos literários que produzem, nos leva a afirmar que os jovens não apenas leem, mas também escrevem, gostam e sentem prazer no exercício dessas práticas.

Conclusão

Este artigo, considerando o que foi apresentado, e todo o trabalho que temos desenvolvido desde 2017 junto a vários jovens no contexto da Escola Agrícola de Jundiá, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, se contrapõe a uma série de discursos históricos, conformistas e um tanto questionáveis de que os jovens brasileiros não leem e não gostam de ler, os quais se fundamentam em concepções de leitura e formas de ler muito específicas, como leituras de fôlego, prioritariamente

de livros impressos e canônicos, entre outras, que não contemplam a dinâmica e as possibilidades de leituras na contemporaneidade.

Nesse processo, estabelecemos diálogos com pesquisas brasileiras desenvolvidas nas últimas duas décadas sobre o tema, como Ceccantini (2020, 2016 e 2009), Curcino (2020), Soares (2001) e Borges (2021), entre outros, que afirmam que os jovens brasileiros leem e sinalizam a importância das condições sociais, de acesso econômico, cultural, intelectual e de tempo para a leitura. Com base nessas leituras, no projeto de extensão que temos desenvolvido desde 2017 e nos dados de pesquisa gerados, constatamos que existe uma demanda dos próprios jovens pela leitura, por formar e se inserir em grupos de leitura, em que possam compartilhar temas em comum como forma de socialização e de desenvolvimento de uma identidade individual e coletiva.

Essa formação identitária e em leitura, desenvolvida coletivamente pelos e entre os jovens, passa pela necessidade de se comunicarem, de compartilharem impressões e sentimentos sobre temas que se manifestam em suas relações cotidianas interpessoais e coletivas. Se por um lado existe a vergonha frente a uma possível exposição pelos textos que produzem e compartilham ou pelas impressões que fazem daquilo que leem e interpretam coletivamente nos encontros, por outro, há também o orgulho de se sentirem compreendidos e acolhidos em suas semelhanças e diferenças, a partir de reflexões compartilhadas, muitas vezes, capazes de levarem a um entendimento mais amplo e conciso de temas diversos e importantes aos jovens. Assim, podemos afirmar que os jovens brasileiros não apenas leem, mas também escrevem e sentem prazer nessas práticas e no seu compartilhamento, como forma de reconhecimento de si e da importância de sua socialização.

O desenvolvimento dessas atividades aqui apresentadas, ainda que tenha se dado por meio de um projeto de extensão, são viáveis também no contexto da sala de aula, inclusive de forma interdisciplinar, abrindo possibilidades para que disciplinas diversas se debruçem sobre um determinado tema, isso com vistas a alcançar um entendimento múltiplo e mais amplo sobre o mesmo.

Assim, seja como atividade complementar ou como parte das atividades curriculares, fica evidente que a escola tem papel de grande importância na formação leitora do jovem, de desenvolver um ambiente acolhedor, saudável e propício à leitura e à escrita, motivando debates que levem à formação do criticismo, aprofundando e diversificando o repertório sociocultural dos estudantes, formando, portanto, uma ampla e humanizada concepção sobre as diversas nuances da leitura e da escrita, estimulando sua atuação e engajamento escolar.

Consideramos que os encontros proporcionaram a possibilidade não só de realizar leituras, mas também para um tempo de leitura prazerosa e crítica, inclusive de poderem compartilhar ideias e escritos com seus semelhantes. Segundo suas próprias declarações, foram momentos fundamentais para a formação jovem leitora crítica - permitindo pensamentos acerca de questões sociais, humanas, filosóficas e linguísticas em um ambiente de cumplicidade, empatia e respeito.

Referências

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Boitempo: menino antigo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

BORGES, R. *Nós estrangeiros em leitura: representações da leitura por jovens estudantes*, 2021, 226f. (Tese de doutoramento) – Universidade Federal de São Carlos, Programa de Pós-Graduação em Linguística, São Carlos, 2021.

CECCANTINI, João Luís. Retratos da leitura: apontamentos sobre os leitores de literatura. *In.: Conta uma história*, 2020, p. 1 – 3. Disponível em <<https://contaumahistoria.com.br/2020/10/retratos-da-leitura-apontamentos-sobre-os-leitores-de-literatura/>>. Acesso realizado em 30 out. 2020.

_____. Mentira que parece verdade: os jovens não leem e não gostam de ler. *In.: FAILLA, Zoara (Org.). Retratos da Leitura no Brasil 4*. Rio de Janeiro: Sextante, instituto pró-livro. 2016, p. 83-98.

_____. Leitores iniciantes e comportamento perene de leitura. *In: SANTOS, F.; MARQUES NETO, J. C.; RÖSING, T. (Orgs.). Mediação de leitura: discussões e alternativas para a formação de leitores*. São Paulo: Global, 2009, p. 207–31.

CURCINO, Luzmara. Da infâmia à resistência: quando se é notícia porque se lê. *In.: SÁ, Israel; BRAGA, Amanda (Orgs.). Microfísica da resistência*. Campinas: Pontes, 2020. p. 249-274.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

_____. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

_____. “O que é um autor?”. *In: _____. Ditos e Escritos: Estética – literatura e pintura, música e cinema (vol. III)*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001, p. 264-98. Disponível em <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/179076/mod_resource/content/1/Foucault%20Michel%20-%20O%20que%20%C3%A9%20um%20autor.pdf> Acesso realizado em 27 maio de 2023, p. 1-44.

GROS, Frédéric. *La honte est un sentiment revolutionnaire*. Paris: Albin Michel, 2021.

PETIT, Michèle. *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*. Tradução de Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2008.

SOARES, Magda. As condições sociais da leitura: uma reflexão em contraponto. *In:*

ZILBERMAN, R.; SILVA, E. T. (Orgs.). *Leitura: perspectivas interdisciplinares*. São Paulo: Ática, 2001, p. 18-29.

Rafael Borges

Graduado em Letras - Português e Espanhol (UFSCar). Mestre e Doutor em Linguística (UFSCar). Professor adjunto na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), atuando na Escola Agrícola de Jundiaí. Integrante do Laboratório de Estudos da Leitura (LIRE) e coordenador do projeto de Pesquisa “Encontros Literários: a formação do leitor e escritor jovem”.
E-mail: rafael.borges@ufrn.br

Giovanna Linhares

Graduando Enfermagem pela UFRN. Participou de duas bolsas de iniciação científica PIBIC/EM envolvendo o tema da leitura e da formação do leitor jovem e voluntária no projeto Xerimbabo e PDVAGRO. E-mail: giovannalinhaires1@gmail.com

João Pedro Melo

Atualmente estuda na Escola Agrícola de Jundiaí, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Voluntário na Ação de Extensão - Lendo o mundo e escrevendo a vida: a formação do leitor e escritor jovem na contemporaneidade, além de bolsista de Iniciação Científica Júnior PIBIC/EM. Participou do VIII ENAG e da X SEMAGRARIA.
E-mail: gomesjpedro11@gmail.com

Sarah Estevam

Atualmente estuda na Escola Agrícola de Jundiaí, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Voluntária na Ação de Extensão - Lendo o mundo e escrevendo a vida: a formação do leitor e escritor jovem na contemporaneidade, além de bolsista de Iniciação Científica Júnior PIBIC/EM.
E-mail: sarahvitoriasantosestevam@gmail.com

Recebido em 30/06/2023.

Aceito em 30/08 /2023.